

Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

**CAMINHAR ENTRE OS DEUSES: ELEVAÇÃO DA ALMA A PARTIR DO VIVER
VIRTUOSO EM PLATÃO.**

Patrícia de Macedo (PIC, Fundação Araucária)
Unespar/União da Vitória, patricia.demacedo@hotmail.com.
Prof. Dr. Thiago David Stadler (Orientador),
Unespar/União da Vitória, stadler.filo@gmail.com

RESUMO: A Virtude foi um dos conceitos principais nos estudos platônicos, e ainda podemos ver que está inserido até os dias de hoje. A Virtude para Sócrates como também para Platão era um dos pontos principais para conseguir elevar a alma, uma vida virtuosa é o principal objetivo que todos deveriam almejar. Sócrates, nos escritos de Platão e Xenofonte, era um exemplo de uma vida exemplar, ou seja, pautada na educação da razão, e que mantinha sua vida em certo “equilíbrio”, essa vida virtuosa estaria vinculada a educação da razão. Platão nos mostra também que Sócrates estava em busca de um conhecimento verdadeiro, e que essa busca pautada na Filosofia nos levaria a ter uma boa morte. Quanto maior o afastamento de todos os prazeres, de tudo que deriva do material, maior é o alcance de uma vida virtuosa. Para Sócrates aquele que teve uma vida virtuosa não deve temer a morte, pois esta seria a forma de libertação e elevação da alma, por isso ele estava tão seguro frente a sua morte, pois pensava que depois dela ele iria caminhar junto aos deuses. Enfim, o caminho que leva a uma boa morte e a essa elevação da alma, seria procurar pela Virtude, pelo menos na concepção platônica do termo, uma busca incessante pelo conhecimento, pois este seria o único que elevaria a alma ainda estando no plano material. Assim sendo, este trabalho visa buscar uma explanação acerca do pensamento platônico com relação à vida virtuosa e a Virtude em si, e a forma com que Platão relacionava a Virtude com o Conhecimento e a Sabedoria. Iremos abordar também o pensamento anterior a Platão com relação a essa questão da vida virtuosa. Neste trabalho nos pautamos em leituras de diálogos platônicos, sendo os principais discutidos o Mênon e o Fédon, e na leitura de comentadores que trabalham sobre os diálogos e seus conceitos. Até este momento chegamos a resultados que apontam que o pensamento platônico diverge sobre a virtude como forma ideal de vida, buscando conhecer o mundo tanto externo como interno, na forma de pensamento. Conclui-se, portanto que Platão visava essa vida virtuosa como um caminho para elevação da alma, e o saber dessa Virtude nos levaria a não temer a morte que é inevitável para todos os seres vivos.

Palavras-chave: Platão. Mênon. Virtude.

INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa está direcionada para as questões relacionadas à *virtude*, principalmente nos escritos platônicos. A pesquisa foi produtiva, pois trouxe muitas informações importantes para meu desenvolvimento dentro da Universidade. Os nossos escritos se voltaram para os diálogos platônicos, tendo como principal o diálogo Mênon. Nos utilizando dos diálogos platônicos e de artigos de comentadores buscamos entender como se constrói o conceito de *virtude* em Platão que tinha como seu mestre Sócrates, que para Platão era a pessoa mais virtuosa, Nos utilizamos de uma fonte base que

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

foi o diálogo Mênon, onde Platão apresenta questões fundamentais para o entendimento do conceito de *Arete*. Neste diálogo Platão reproduz uma conversa entre Mênon e Sócrates, e também algumas falas de um escravo de Mênon e de Anito. A conversa inicia com o questionamento de Mênon para Sócrates sobre o possível ensinamento da *virtude* e, como em todo diálogo platônico/socrático, Sócrates se utiliza de seus métodos para levar o interlocutor a achar a resposta por si mesmo. Neste diálogo podemos apreender grandes fundamentos no que tange o assunto da virtude nos estudos platônicos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Não há como chegar ao assunto sobre a Virtude em Platão sem antes entrar e considerar alguns de seus conceitos e ideias sobre questões que são relevantes para se entender a Virtude propriamente dita, como o conceito de morte e alma, por exemplo.

O tema da morte é uma questão de suma importância para se entender o pensamento platônico, e é no diálogo *Fédon* que Platão explica mais profundamente o tema, porém em praticamente todos os seus diálogos a questão da morte aparece. Platão desenvolveu sua tese baseando-se no que todos querem: imortalidade, até os dias de hoje a morte é o assunto mais assustador, àquilo a que todos estão fadados, que é inevitável. A morte suscitou nos homens o desejo por algo que esteja no além da morte, portanto o que nos intriga até os dias de hoje é com toda certeza a nossa finitude, e o modo como lidamos com a morte inevitável, e como direcionamos nossa vida em relação às necessidades e prazeres que nos circundam. Essas dúvidas vieram desde o mundo grego, na Grécia antiga e posteriormente em Platão, e até os dias de hoje, por que a morte nos intriga tanto? É pelo medo do que possa existir depois, ou, até mesmo pela não existência depois da morte? Os indivíduos desde sempre fizeram essas questões, e até hoje não temos uma resposta definitiva, a única certeza absoluta que temos é que um dia iremos morrer.

“Dominado por forte carência da presença de algo permanente, seguindo o mais genuíno impulso da alma grega, o filósofo converge seu olhar clarividente para as ainda misteriosas instancias situadas nos confins do universo e cria a metafísica. Essa síntese inteligente, espiritual, intuitiva, resulta de uma soberana força motriz da natureza humana, que pode ser nomeada desejo de imortalidade.” (SANTOS, 1996, pg. 2)

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

O homem busca por algo que o torne perpétuo, imortal, pois muitas vezes tem medo da morte e o que ela pode trazer consigo o medo maior talvez não seja da própria morte, mas da morte de pessoas próximas, por puro desejo de egoísmo, não querer perder uma pessoa porque se sente entristecido, mas talvez a morte não seja algo tão ruim. Assim como afirmava Sócrates é através da morte que libertamos a alma de todas as necessidades do corpo, é através dessa ascensão da alma que podemos nos dedicar a encontrar a Verdade.

E o conseguirá mais claramente quem examinar as coisas apenas com o pensamento, sem pretender aumentar sua meditação com a vista, nem sustentar seu raciocínio por nenhum outro sentido corporal, aquele que se servir do pensamento sem nenhuma mistura procurará encontrar a essência pura e verdadeira sem o auxílio dos olhos ou dos ouvidos e, por assim dizê-lo, completamente isolado do corpo, que apenas turba a alma e impede que encontre a verdade (...) a razão deve seguir apenas um caminho em suas investigações, enquanto tivermos corpo e nossa ala estiver absorvida nesta corrupção, jamais possuiremos o objeto de nossos desejos, isto é, a verdade. (PLATÃO, 1996: pg. 127).

A ligação entre corpo e alma para Platão é algo inevitável, somente com a morte essa separação é possível, porém muito ao contrário do que pensamos e afirmamos Platão não descartou o corpo, ele apenas afirmava que o corpo sendo parte do sensível se torna algo corruptível e o que devemos buscar é a elevação da alma, o que ele afirma é que os impulsos do corpo são sempre mais convidativos do que os da alma, são mais atrativos, Platão afirma que a alma estará sempre ligada ao corpo que se torna a “prisão” da alma, porém sempre afirmamos que Platão define o corpo como o cárcere da alma, mas o que não vemos é que o corpo e alma estão ligados e não apenas presos um com o outro, estão ligados de forma que certos apetites do corpo correspondem aos apetites da alma.

O inteligível era supostamente superior ao sensível, porém há certas situações que o sensível deve ser superior ao inteligível, antes de investigar algo se deve conhecer esse algo, e somente através dessa nossa realidade temos contato com as coisas das quais mais tarde podemos investigar teoricamente. O que Platão buscava era o equilíbrio entre a alma e o corpo, o sensível e o inteligível, enquanto estivermos nessa realidade é necessário esse equilíbrio.

Platão, ao contrário do que em geral se diz, concebe a alma bem mais unida do que separada do corpo, como se ela estivesse constantemente compelida a unir-se a ele. Constrita por certas impulsões ou paixões afetivas do corpo, como, por exemplo, por uma sensação de fome, ou por um desejo de prazer, ou por uma dor qualquer, a alma sempre solícita acorre a atendê-las. (SPINELLI, 2007. pg. 192).

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

O que acontecia antigamente e o que acontece até os dias atuais é que não utilizamos muito nosso cérebro, e se o utilizamos é para coisas que não são tão importantes, pelo menos assim era o pensamento platônico. Porém deve-se lembrar que em nenhum momento Platão descartou totalmente a utilidade do sensível, ele oferece exemplos de como o visível por si só pode ser enganador, porém se “visto” com os olhos da alma se pode alcançar sua essência, e através disto podemos construir uma experiência idealizada.

Com todo esse pensamento sobre coisas ideais e invisíveis, Platão foi levado a se indagar sobre aquelas coisas que não dependem do empírico, ou seja, as coisas em si, como a *Virtude* por exemplo. Fica claro do porque de Platão colocar o inteligível em primeiro lugar, acima do empírico, pois a empiria não poder ser descartada, porém, há coisas que só iremos conseguir alcançar através do intelecto, que são as substâncias, aquilo que não se manifesta fisicamente, como o *Belo*, o *Justo* e a *Virtude*.

A filosofia seria o caminho que devemos seguir para alcançar a elevação da nossa alma, e é com ela que começa uma busca por algo mais perpétuo, imutável, para que o homem tenha algo de eterno para si. E com toda essa busca foi possível escrever uma nova história para a humanidade, principalmente no Ocidente, neste período inaugura-se um novo modo de pensar, e com tudo isso se exige muito mais. O desejo de se tornar imortal, essa busca por algo metafísico, é somente porque o homem se caracteriza como mortal, e essa certeza final acarreta o medo pelo desconhecido.

O desejo de perpetuar-se constitui a fonte da aspiração pela sabedoria, porque por meio dela triunfa-se sobre os aspectos vãos e transitórios do mundo das aparências, perpetuando a vida para além da morte. O homem é um animal metafísico porque é um animal mortal, que tem sede de perenidade e fome do absoluto. (SANTOS, 1996, pg.2)

Os estudos se voltaram para a natureza humana e o que há nela, um dos principais assuntos sobre o homem é a questão acerca de algo invisível e perpétuo, a alma humana. A alma foi um modo de acabar com a finitude do homem. Outra preocupação seria do modo de como se levava a vida em um mundo onde os prazeres e o sensível eram um atrativo que levava os homens a não se preocuparem com a morte. Havia somente alguns, na maioria filósofos, que estavam preocupados em ter uma vida virtuosa longe de todas as coisas desnecessárias do sensível, somente aqueles que estavam preocupados com o Lógos, que seria um conhecimento, um pensar que participava do divino, o que nos diferencia dos animais, dos mortais é a capacidade de pensar.

Um ponto interessante na tese sobre a alma humana e Platão aparece no diálogo do *Fedro*, onde ele explica como a alma movimenta os seres, e sendo ela que movimenta as outras coisas ela é a causa primeira, sendo assim ela movimenta a si mesma, ela é algo que não é gerado, e justamente por

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

ela não ser gerada por nada além de si mesma ela não pode ter um fim, sendo, portanto, imortal, ela se inicia e se encerra em um ciclo sem fim, que é a imortalidade.

(...) podemos dizer que Sócrates parte do princípio (pressuposto) de que a alma é imortal, dada a sua capacidade de mover-se a si mesma, para chegar à conclusão de que a alma é o próprio princípio (origem) do movimento; isto porque, enquanto tal, não pode ser movida por outro princípio (fonte), senão por si mesma. Enquanto princípio (em todas as acepções referidas), nem pode ser gerada, nem pode perecer, donde se reitera o argumento inicial de que ela é imortal. Nessa perspectiva, a natureza da alma, aqui identificada à essência da mesma (ouses physeus psyches), quer seja divina ou humana, é a imortalidade e o princípio do movimento. (MONTENEGRO, 2010, pg.444).

Passando pela questão da imortalidade e alma, corpo e alma, adentraremos em uma questão que está ligada a todas essas, a questão da reminiscência e a *mnemosyne*. A tese defendida por Platão é que em todo esse processo de transmigração da alma, da ida e vinda ao mundo, tem uma questão relevante sobre o conhecimento. Para ele quando morremos, diante de todas as suas alegorias tanto no *Fedro* como no *Fédon*, vemos que a passagem entre uma vida nos faz passar por um processo de esquecimento. Quando retornamos para uma outra vida no mundo sofremos um apagão, o que implica que o nosso conhecimento das coisas já está em nós desde o nosso nascimento, com o tempo e o acesso as coisas sensíveis podemos rememorar, ou seja, relembrar de tudo que já conhecemos. No mundo nada aprendemos apenas rememoramos e a única forma de parar com todos esses ciclos seria uma vida baseada na virtude.

A *arete* entra com um papel fundamental, o indivíduo precisa se afastar daquilo que o impede de pensar e refletir, e seguir em uma vida virtuosa, para Sócrates ser virtuoso era se afastar de tudo que é sensível, quanto mais se afastasse dos prazeres e dos enganos dos sentidos, maiores seriam as chances de se tornar virtuoso.

(...) desenvolve-se uma doutrina segundo a qual a alma, sendo imortal, renasce sem cessar transmigrando de um corpo a outro; e a morte, longe de ser o fim de um processo irreversível, e uma nova etapa em um ciclo que se repete: a vida sucede a morte, assim como o sono a Vigília. O que pode libertar a alma dos ciclos consecutivos e a vida virtuosa. A virtude e o agente eficaz, colaborador para um destino superior aos dos animais, análogo ao dos seres divinos, a imutável e permanente existência num ciclo acabado, único e eterno. (SANTOS, 1996, pg4).

No *Mênon* a teoria platônica passa a interpretar a reminiscência vinda apenas das vidas passadas e começa a doutrina de que a reminiscência vem diretamente das Ideias e que o conhecimento é o fio condutor para que essas lembranças retornem, é através do lembrar-se, através da

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

mnemosyne que se pode recordar o que já estava desde o princípio na alma humana, não há nada que a alma não tenha vislumbrado.

Sócrates elege a filosofia como meio para cessar o ciclo de reencarnações, aquele que sabe filosofar corretamente escapará do eterno reencarnar, para isso é necessário uma vida baseada na Justiça, ter uma vida virtuosa.

Começaremos enfim a falar sobre a Virtude para Platão, que é o ponto principal de nossa discussão. Assim como os outros conceitos platônicos, a *arete* é um conceito de suma importância dos estudos platônicos, ela se relaciona com a questão da morte, alma, reminiscência, ela é a chave para um bem viver e elevação da alma. E assim como a questão da alma que em alguns diálogos aparece com algumas diferenças de conceituação, a virtude também suscita dúvidas com relação a sua definição. Até mesmo nos dias de hoje há uma dificuldade para definir o termo *virtude*.

O uso da palavra virtude parece ser adequado para traduzir o termo da língua grega *arete*. Entretanto, jamais será possível, em qualquer tradução contemporânea, expressar o conceito e a experiência correspondentes ao conceito grego e da época de Platão. (...) Assim, virtude possui um sentido amplo, indica qualidade, excelência de alguma coisa e também aponta para conduta moral. (PAVIANI, 2012, pg. 87).

Muitos são os filósofos que estudaram e estudam sobre o tema da Virtude, mas quem deu início a essa questão com esse conceito de Virtude foi Sócrates. O que ele buscava era mostrar a unicidade da Virtude, de demonstrar que dentre todas as virtudes que existe, há algo que todas elas tinham em comum, porém nunca se soube ao certo como Sócrates definiu como sendo o uno das virtudes, o que elas têm em comum, esse tema sempre será alvo de estudiosos, por não ter um fim último, Sócrates em momento algum afirma saber qual é a virtude uma, onde estaria integrada todas as outras virtudes.

A questão da Virtude aparece com concepções diferentes nos diálogos platônicos, pois mais do que simplesmente buscar por significado da palavra, Platão procura construir toda uma dialética acerca do termo, isso também explica o porque do termo não ter uma definição exata, pois a preocupação de Platão consistia em analisar tanto epistemologicamente quanto ontologicamente, este último tendo uma relevante importância. Vemos em Paviani que “O método platônico de procura da definição vai além dos aspectos psicológicos e epistemológicos do conceito, embora não os ignore. Sua pesquisa dialética consiste mais na construção de um percurso do que na solução final da questão.” (PAVIANI, 2012, pg. 88).

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

São diversos os diálogos que tratam sobre a Virtude, assim como são diversas as teses sobre ela. A questão da unidade das virtudes ou de sua multiplicidade é onde reside o maior problema, em alguns dos diálogos ela é una e em outros ela é múltipla, alguns comentadores também afirmam que a Virtude é única, outros que a virtude é múltipla e ainda outros afirmam que ela é tanto única quanto múltipla, é nítida a preocupação de Platão em torno do conceito de Virtude, em seus primeiros diálogos assume uma postura, a qual muda em seus diálogos de maturidade, no Protágoras afirma que cada virtude possui sua função, no Mênon busca por uma definição do que seja a Virtude, porém o diálogo acaba em aporia, mas podemos perceber que a busca pelo que seja a Virtude nos mostra que Platão estava atrás de sua unicidade, o que torna todas as virtudes no que elas são como virtudes. Podemos afirmar que Platão separa Virtude de ações virtuosas, a Virtude é única, enquanto estiver relacionada com a alma, como conhecimento, já nas ações virtuosas, ser justo pode não estar relacionado com ser temperante.

O debate sobre a questão da unidade e das partes da virtude depende da natureza da virtude que, por sua vez, fica em aberto, isto é, sem uma definição precisa. Permanece a impressão de que Platão tenta esclarecer diferentes pontos de vista, todavia, sem alcançar uma solução satisfatória. (PAVIANI, 2012, pg. 92),

Podemos demarcar duas teses no pensamento socrático sobre a unidade da Virtude, uma a Tese da identidade e a outra da Inseparabilidade, a primeira seria a tese que foi mais bem formulada e aceita, até mesmo pelo próprio Sócrates, onde a Virtude seria uma só com várias denominações, a segunda seria a tese de menos repercussão, onde todas as virtudes possuem sua própria essência, porém no fim são todas ligadas umas as outras, ou seja, inseparáveis. Mas ainda assim não há como ter absoluta certeza de sua posição frente a qual das teses seria a verdadeira, pois o método com o qual Sócrates dialoga é sempre apresentando uma tese para refutar seu interlocutor, ou mostrar-lhe o caminho certo, porém em momento algum ele afirma qual seja sua posição verdadeira.

Ele sustentava que todas as virtudes são um de certo modo, e ligava isso à sua tese que as virtudes consistem em um tipo de conhecimento. Porém, exatamente o que entendia pela tese que “as virtudes são uma” deixou gerações de estudiosos perplexos. (...). Ele claramente defende que essas virtudes formam uma unidade no sentido em que não se pode ter uma delas sem ter todo o resto, mas não é claro que se quer sustentar a tese mais forte que todas as virtudes são idênticas umas às outras. (BENSON, 2011, pg.304).

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Mas como descreve Jaeger na *Paidéia*, não há dúvidas quanto a argumentação de Sócrates, quando ele afirma sobre uma Virtude uma, pois esse é o propósito que todos devemos buscar, a tese mais aceita por Sócrates que faz relação com sua teoria do mundo do *eidós*, onde tudo é uno.

Por conseguinte, ainda que quiséssemos, com Sócrates, chegar ao ponto de considerar as diferentes virtudes “partes” de uma só virtude universal, parece que não poderíamos estar de acordo com ele na tese de que esta virtude atua e se encontra presente como um todo em cada uma das suas partes. Quando muito, as virtudes podem ser consideradas como as diversas partes de um rosto, que pode ter olhos bonitos e o nariz feio. Contudo, Sócrates é tão inexorável neste ponto como na certeza inabalável de que virtude é saber. A verdadeira virtude é para ele uma e indivisível. Não é possível ter uma parte dela e outra não. (JAEGER, 1995, pg. 566).

O estado da alma e as ações que praticamos tendo em vista ser virtuosos são as chaves para o pensamento da unicidade na teoria da identidade para Sócrates, o que as virtudes teriam em comum seria o estado da alma, a virtude seria esse estado, nossas ações distinguiriam qual virtude estamos utilizando, por exemplo, somos justos quando praticamos a Justiça que é diferente de ser Corajoso, mas as duas estão no nosso estado da alma enquanto são virtudes.

A virtude é o estado da alma, não o comportamento que deriva e exprime esse estado. Assim, o que Sócrates queria dizer com a tese que a justiça é idêntica à coragem é que o estado da alma que dá origem às ações justas é idêntico ao estado que dá origem às ações corajosas. E, segundo a Tese da Identidade, Sócrates sustenta que há uma única forma de conhecimento (o “conhecimento do bem e do mal”) que é a chave para a ação justa, corajosa e virtuosa em geral. Esse conhecimento garante que o juízo de alguém sobre como agir será correto, bem como se agirá de forma correspondente, visto que o desejo do agente está propriamente dirigido ao bem. (BENSON, 2011, pg. 305).

Para Sócrates a única coisa que nos leva a ter Virtude ser virtuoso, é o conhecimento, e conhecimento implica sabedoria.

(...) a sabedoria, entendida como conhecimento do bem e do mal, é uma unidade indivisível; não pode ser dividido nas partes correspondentes às diferentes virtudes. O conhecimento que é essencial para cada uma dessas partes é o mesmo, e seu nome é sabedoria. Se a coragem e as outras virtudes requerem o conhecimento e se o conhecimento envolvido em cada uma dessas virtudes é o conhecimento do bem e do mal. (...) E, dado que as virtudes são partes distintas de um todo, cada uma deve

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

ter um aspecto distintivo que as diferencia das outras, assim como do todo. Já que o conhecimento envolvido em cada uma das virtudes é o mesmo, o aspecto que distingue cada virtude das outras deve ser algo diferente do conhecimento envolvido. (BENSON, 2011, pg. 311).

Somente aqueles que conhecem e que possuem o saber sobre o Bem e o Mal saberão distinguir o que é virtuoso, pois Virtude é justamente descobrir o Bem e distingui-lo do Mal. Mesmo sabendo a diferença entre o Bem e o Mal, sempre há aqueles que não conseguem definir o que seja o Bem em si, e nem mesmo o que é o Mal, podendo achar que o Mal que causou era na realidade um Bem para si, muitas dúvidas suscitam desse tema, o fato é que nem até o final de sua vida Platão conseguiu definir certamente o que é a Virtude e como podemos defini-la.

Em alguns de seus diálogos Sócrates afirma que a Virtude está relacionada com a Justiça, se somos justos nos tornamos virtuosos, sendo justos e sábios, pois sem o conhecimento não há como alcançar a Virtude, ele é o fio condutor para a Virtude, como afirma Feitosa em seu texto: “As virtudes são partes similares do conhecimento. O saber é o fio condutor que perpassa não somente todas as virtudes, mas também possibilita a aproximação, o relacionamento e a semelhança entre elas (...)” (FEITOSA, 2006, pg. 27). O conhecimento que devemos ter sempre é o do Bem, para Sócrates se temos esse conhecimento do Bem jamais iríamos querer outra coisa, buscar o saber consiste em buscar uma vida levada pela virtuosidade, saber diferenciar o Bem do Mal, é esse saber que devemos ter primeiramente para praticar a virtude, “O que possibilita a uma pessoa ser virtuosa é o conhecimento que, por consequência, leva à prática do Bem, pois para Sócrates é impossível conhecer o bem sem desejá-lo e praticá-lo, logo isso se manifesta como uma condição necessária e suficiente para a virtuosidade.” (FEITOSA, 2006, pg. 41).

A virtude considerada genuína por Sócrates é sem dúvida a Justiça, deve-se escolher algo que vá além de beneficiar somente si próprio, a justiça está ligada a ação, pois um ato justo deve estar de acordo com as escolhas corretas, fazer o bem, ser justo deve ser comum a todos. A justiça platônica se direciona a alma humana, o ser justo deve começar na alma, uma justiça por si mesma, depois deve ser justo para com a sociedade. É interessante lembrar que no diálogo da República de Platão a justiça está acompanhando as outras virtudes para que estas sejam realmente virtudes, a temperança que está ligada a justiça também deve acompanhar as outras virtudes. Sem a justiça cada virtude não teria o dever que cada uma deveria exercer sem a justiça as pessoas tenderiam a querer mais do que tinham direito, não teriam a justa medida. Assim, a Justiça é um bem em si mesmo, que não deve ser considerada consequência de algo, o que nos leva a entender que a Virtude para Sócrates seria essa Justiça suprema, em si mesma.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

O diálogo Mênon, que é a parte principal de nosso estudo, o livro com que nos baseamos para falar do assunto da virtude, é um diálogo de suma importância quando se trata desse assunto. A questão principal colocada por Sócrates é sobre a possibilidade do ensino da Virtude, mas entra em um problema antes mesmo de explicar isso, o que é a Virtude?

O diálogo se inicia com Mênon indagando sobre se a virtude se ensina ou não, Sócrates já afirma que possui ignorância no que concerne ao assunto sobre Virtude, e lança a questão sobre o que é a Virtude, já que ele mesmo não sabia qual era sua natureza, como falar de algo que você desconhece, “Só me resta censurar-me por minha completa ignorância acerca da Virtude; e se desconheço o que é uma coisa, como poderia saber qual é a sua natureza?” (MÊNON, 71b). Mênon, assim como todos os interlocutores de Sócrates em diversos diálogos, afirma saber ele o que é virtude, e começa sua explicação para Sócrates, ele separa e elenca a virtude de cada gênero, os homens possuem uma virtude, assim como as mulheres, os velhos e as crianças. Sócrates lança uma ironia dizendo que “pareço estar numa grande onda de boa sorte, pois ao procurar uma virtude, descobri um enxame de virtudes em teu poder” (MÊNON, 72b), Sócrates explica a Mênon que ele quer achar o que é a Virtude e não as virtudes, algo que seja comum entre todas as virtudes, que as faça tornar em virtude, um caráter em comum.

Na busca por esse caráter universal da virtude Sócrates lança muitos exemplos para mostrar a Mênon que, por exemplo, dentre de todas as espécies de abelhas há algo que torne todas elas em Abelha. Sócrates se utiliza do exemplo dado por Mênon no início, quando ele fala que a virtude do homem é administrar os negócios e o da mulher é administrar a casa, e que essa administração deveria ser boa, justa e moderada, deveria ser um Bem, mas a justiça e a temperança seriam uma virtude e não a Virtude para Sócrates, que deveria ser algo perfeito e entra na sua teoria das Formas ou das Ideias, a Virtude deve ser uma ideia que esteja manifesta em todas as virtudes. Sócrates critica o modo de definir as coisas a partir de outras, como ele utiliza o exemplo da Forma e da Cor, que a forma é sempre sucedida da cor, porém sem entender o que é a cor ou até mesmo o que é a forma, não saberemos a definição de nenhuma delas, o que Sócrates está buscando com esses exemplos é levar Mênon a buscar a unidade das coisas, aquilo que elas são antes de saber como elas são, partir do múltiplo para o uno.

Assim sendo, não pouparei esforços, tanto no teu interesse quanto no meu, no sentido de progredir naquele estilo (...) mas afinal deves, por tua vez, esforçar-te para cumprir tua promessa de me informar o que é a virtude em geral, cessando de produzir o múltiplo a partir do uno (...) pelo contrário, deixa a Virtude íntegra e saudável, e me diz o que é. (MÊNON, 77a).

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Mênon em sua outra tentativa de definição da virtude, diz ele que virtude é querer o belo e consegui-lo. O problema é que o desejo para Sócrates não é algo bom, pois as pessoas tem desejos diferentes e formas diferentes de enxergar o que realmente é Bom, tem aqueles que desejam o mal pensando ser um bem. Para Sócrates aquele que conhece o Bem jamais desejará o mal, e esse desejo deve ser natural no homem, porém sempre haverá aqueles que buscam o mal mesmo sabendo o que é o bem, “conclui-se que ninguém deseja o mal, Mênon, a não ser que deseje ser mal” (MÊNON, 78a).

Sócrates continua analisando a afirmação de Mênon, e coloca em questão agora a aquisição de tais bens, que para ele deveriam acompanhar a virtude, pois assegurar um bem sem a virtude se torna um vício. “Portanto, o que parece é que a justiça, ou a moderação, ou a religiosidade, ou alguma outra parte da virtude tem que acompanhar a obtenção de tais coisas; se assim não for, não será virtude, ainda que supra alguém de coisas boas.” (MÊNON, 78e). Portanto o que podemos perceber é que Sócrates afirma que não é a obtenção de bens que torna o homem virtuoso, e sim as partes da virtude que acompanham tal aquisição, então a resposta de Mênon permaneceu a mesma, pois ele elencou novamente as partes da virtude e não definiu o que é a Virtude, o que Sócrates contestou claro. Sócrates outra vez insiste para que Mênon responda sobre qual é a natureza da virtude, o que é a Virtude em si mesma.

Assim sendo, excelente homem, não deves, por tua vez supor que enquanto a natureza da virtude como um todo permanece sob investigação, poderás te dispor a explicá-la a qualquer pessoa respondendo em termos de suas partes, ou mediante qualquer outra afirmação em linhas idênticas a essa. (MÊNON, 79e).

Sócrates outra vez afirma não saber o que é a virtude e qual a sua natureza, então Mênon indaga sobre como uma pessoa pode procurar uma definição de algo que desconhece inteiramente, para ele é impossível investigar uma coisa que se desconhece, porém como sabemos para Sócrates não há nada que não conhecemos, pois todo o conhecimento está na alma, e apenas opiniões verdadeiras sobre o assunto bastam para que se possa investigar a natureza de algo. Nesse ponto Sócrates começa a discursar sobre a sua teoria da reminiscência, da *anamnesis*, ou seja, aquela teoria de que tudo o que conhecemos é apenas uma rememoração, sendo assim impossível desconhecer algo.

“(…) dizem que a alma humana é imortal, que numa ocasião atinge um termo, que é chamado de morrer, e numa outra renasce, porém jamais é extinta pela destruição. (...) considerando-se que a alma é imortal, renasceu muitas vezes e contemplou todas as coisas tanto neste mundo como no mundo subterrâneo dos mortos, nada há que não tenha aprendido: disso se conclui que não é de se surpreender que seja capaz de lembrar-se de tudo que aprendeu anteriormente a respeito da virtude bem como sobre outras coisas.” (MÊNON, 81c-d).

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Chegamos numa explicação prática dada por Sócrates através do argumento do escravo, que pretende com a geometria analisar as respostas de um escravo, que se supõe não entender nada sobre geometria, sobre esta matéria, afirmando que devido às repostas dadas com acerto por este escravo prova que o conhecimento estava na alma dele e que bastou algumas perguntas para que o conhecimento viesse à tona. Vale ressaltar que Platão se utiliza da geometria neste diálogo, pois ele era um iniciado nas áreas matemáticas, considerando-as as mais elevadas dentre as matérias, depois da filosofia, tanto que em sua academia só entravam aqueles que eram iniciados na geometria.

“(…) de todas as ciências, as matemáticas são as ciências que mais se aproximam da dialética, ou melhor, que as matemáticas constituem a melhor preparação para a dialética, consistindo o seu valor em ajudar a alma a caminhar em direção à verdade e a produzir a atitude ideal para o desenvolvimento intelectual.” (FRECHEIRAS, 2010, pg.44).

Sócrates afirma que a ignorância muitas das vezes é melhor do que àquele que julga saber, porém desconhece tudo, a partir da ignorância se busca o saber, se sente atraído a buscar conhecimento, através de opiniões que podem se tornam em ciências. A investigação incita o conhecimento, eleva nossa alma no ponto em que passamos de ociosos para conhecedores: “que a crença no dever de investigar as coisas que ignoramos é algo que nos tornará melhores, mais corajosos e menos ociosos (...)” (MÊNON, 86b). Porém o que muitos afirmam, e é realmente o que dá a entender, é que esse argumento do escravo lembrar através de perguntas feitas por Sócrates parece um tanto quanto suspeito, pois as respostas dadas não passam de afirmações do escravo de respostas que estão incluídas nas próprias perguntas socráticas,

No que diz respeito à teoria da *anamnese*, alguns comentadores a contestam dizendo que não serve para demonstrar o exemplo do escravo quando soluciona problemas de geometria pela recordação de um conhecimento que preexiste dentro de si mesmo. O que acontece é que o escravo chega a conclusões graças aos encadeamentos lógicos propiciados por Sócrates. (FEITOSA, 2006, pg. 121).

Segundo Sócrates, podemos recordar o conhecimento, e isto implica que também podemos recordar das virtudes, se nos empenharmos a isso. Portanto Sócrates hipoteticamente afirma que a Virtude é um tipo de conhecimento, e se o é pode ser ensinada. Sócrates parte do ponto de que a Virtude é um bem para nós, e o conhecimento, a sabedoria é o bem supremo, sendo assim a virtude é uma parte do conhecimento, “Ora, se houver algum bem distinto e dissociável do conhecimento; todavia, se não houver nada de bom que não seja abarcado pelo conhecimento, estaremos corretos em suspeitar que a virtude é um tipo de conhecimento.” (MÊNON, 87d). Sócrates entende que a virtude é um Bem, pois ela é benéfica a nós, nos tornando bons, portanto se torna uma sabedoria.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

(...) se a virtude é algo presente na alma necessariamente benéfico, é forçoso que seja a sabedoria, uma vez que todas as propriedades da alma não são em si nem benéficas nem danosas, tornando-se benéficas ou danosas dependendo da associação da sabedoria ou da ignorância; por conseguinte, o que aponta esse argumento é que a virtude, sendo benéfica, deve ser um tipo de sabedoria. (MÊNON, 88c-d).

Com isso Sócrates afirma que a virtude é parte da sabedoria, portanto não vem da natureza do homem e sim através do conhecimento, pois se alguém fosse virtuoso por natureza este deveria ser mantido isolado para que não pudesse ser corrompido, e seria usado pelo Estado quando bem entendessem. Não sendo por natureza ela é um conhecimento, e pode ser ensinada segundo essa teoria, porém essa afirmação não deveria ser momentânea e sim universal. Após isso Sócrates lança outro problema com relação a virtude ser passível de ser ensinada ou não, se for possível quem poderia ensinar a virtude? Existe alguma pessoa capaz de tal feito? Mênon afirma que sim, porém Sócrates afirma que se deve buscar achar essa tal pessoa. Nesse ponto do diálogo Sócrates convida a dialogar Anito¹, sobre essa busca por um mestre da virtude. Quando se quer que alguém aprenda alguma arte ou quaisquer coisas mandam esse alguém para uma pessoa que possua esse conhecimento de forma excelente. Sócrates ironiza os sofistas, que pensam serem os detentores do conhecimento inclusive da virtude, e se mostram erroneamente como mestres da virtude, segundo Sócrates. Anito como sentia desprezo por sofistas concordou plenamente que os sofistas não são aptos a ensinar nenhum tipo de conhecimento inclusive o da virtude.

Sócrates passa o discurso adiante, e a pergunta seguinte se refere aos homens que foram bons, virtuosos, mas que tiveram filhos nem um pouco virtuosos, isso mostra que nem os homens tidos como virtuosos souberam passar adiante esse conhecimento, portanto mesmo tentando a virtude não pode ser ensinada por falta de tais mestres, “Os cidadãos da época de Platão pensavam que a virtude pudesse ser reduzida à *episteme*, por isso mesmo ensinável, entretanto, na prática, não havia como comprovar a aplicabilidade da virtude quanto ao ensino-aprendizagem” (FEITOSA, 2006, pg. 128).

Sócrates enxerga outro caminho que pode levar os homens a se tornarem bons: a opinião verdadeira. Porém, a opinião verdadeira difere do conhecimento porque este é fixo, enquanto aquela pode ser despreendida da alma. O que ocorre é que a opinião verdadeira pode levar à reminiscência e consequentemente ao conhecimento, Sócrates quer dizer que aqui só podemos ter opiniões verdadeiras

¹ Respeitado ateniense, principalmente pela sua carreira militar e sua influência na política. Era admirador da democracia, mas demonstrava aversão aos sofistas, foi um dos acusadores de Sócrates, que foi a julgamento e condenado a morte, acusou Sócrates como nocivo para o Estado ateniense.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

sobre a virtude, pois, o conhecimento pleno dela teremos apenas quando tivermos acesso a ideia perfeita de Virtude. A virtude não nos é dada por natureza, sem ter mestres ela não pode ser ensinada, portanto Sócrates conclui que ela só pode nos ser dada por inspiração divina, que seria a inquirição racional que chega até nós pela rememoração.

Se o saber não existe no gênero humano por natureza, neste caso, sobre a virtude, os homens só podem ter opinião verdadeira. Ora, não sendo por natureza sua aquisição, a resposta de como se obtém o conhecimento será, então, por inspiração divina, portanto, está justificado o fato de que os homens não possam transmitir suas próprias virtudes, nem compreendem como podem saber de algo. (FEITOSA, 2006, pg. 130).

Mesmo com essa conclusão de Sócrates sobre a virtude nos ser dada divinamente, ainda permanece a questão central: o que é Virtude? O diálogo pode ser dialético, mas ainda assim acaba em aporia². Platão nas falas de Sócrates procura em todo o diálogo chegar em uma conclusão sobre o que é a Virtude, mesmo o diálogo terminando em aporia, é um diálogo que aborda assuntos importantes no pensamento platônico, como a Virtude que é o centro das investigações platônicas, todos os seus outros conceitos participam da questão da virtude, é importante lembrar que para Platão o único modo de nos tornarmos virtuosos em sua magnitude é com a separação total do corpo e da alma, ou seja, com a morte, porém ainda em vida devemos nos basear em ações nobres e boas para que nossa alma consiga chegar ao conhecimento pleno.

Podemos chegar a uma hipótese, baseando-nos em outros diálogos além desse, de que Platão dá a entender de que a Virtude da qual ele alude o tempo todo seria a Justiça, pois em outros momentos ele afirma que a virtude só se torna virtude acompanhada da Justiça, e esse conceito de Justo para Platão é a máxima elevação da qual podemos ter. Enfim, acabamos em aporia assim como Platão quando o assunto é Virtude, hoje em dia nem se utiliza mais esse termo, e sim qualificamos os homens apenas por um ato que pode ser bondoso, mas nunca atribuímos a uma pessoa a palavra virtuosa, continuamos sem nenhuma explicação concreta sobre este termo, entramos na aporia de Sócrates.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

²Quando o diálogo acaba sem ter um fim certo, não tem respostas conclusivas somente explicações acerca do assunto. Muitos diálogos platônicos acabam assim, geralmente continua-se falando sobre o assunto em outro diálogo, como no caso do diálogo Mênon onde o assunto é novamente abordado no diálogo Protágoras.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

A razão deste projeto era levar a um aprofundamento das questões platônicas acerca da virtude, adentramos nos conceitos platônicos sobre a morte, alma, reminiscência e a virtude - tema central e nossa pesquisa- percebemos que a virtude para Platão e para Sócrates é dada supostamente por inspiração divina, e que não há possibilidade de ser ensinada, pois além de tudo não há mestres capazes de tal feito. E diante de todas as inquietações apresentadas no diálogo Mênon sobre a virtude podemos ter uma base sobre o pensamento platônico sobre tal conceito, pois este diálogo – assim como muitos outros- termina em aporia, porém dá para perceber a preocupação de Sócrates para definir o que é a Virtude, e tentando mostrar Mênon que deve existir algo uno, a característica que esteja presente em todas as virtudes, algo que seja comum entre todas elas. No decorrer do diálogo podemos conhecer mais sobre o conceito de virtude platônico, e podemos perceber também que muitos dos questionamentos feitos naquela época por Platão ainda estão sem respostas até os dias de hoje, e que não nos utilizamos mais do conceito de virtude hoje, só reconhecemos as boas ações individualmente e não buscamos por algo uno, em si mesmo. Portanto através desse projeto pudemos explanar e buscar conhecimentos presentes antes mesmo de Platão, e conseguimos aprender mais sobre o conceito de virtude nas concepções platônicas.

REFERÊNCIAS

- BENSON**, Hugh H (org.). *Platão*. Trad. Marco Antonio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FEITOSA**, Zoraida Maria Lopes. *A Questão da Unidade e do Ensino das Virtudes em Platão*. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Filosofia Antiga, do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. Orient: Prof. Dr. Marco Antonio Zingano, 2006.
- FRECHEIRAS**, Kátia Regina de Oliveira. *Platão e o método da hipótese nos diálogos Mênon (86e-87b), Fédon (101d-e) e República (VI, 509d-511e)*. xxf 20, Tese de doutorado apresentada no programa de pós-graduação, Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio de Janeiro, RJ, 2010.
- GODOI JÚNIOR**, Valdy José. *Ensina-se a virtude? Conexões do Mênon de Platão com o ensino de valores na escola*. xxf.143. Dissertação de Mestrado apresentado ao programa de Pós-graduação em Educação no departamento de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.
- JAEGER**, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- PLATÃO**. *Diálogos V – Mênon*. Trad. Edson Bini – 1º Ed. – São Paulo: Edipro, 2010.
- PAVIANI**, Jaime. *Notas sobre o conceito de virtude em Platão*. Veritas, 2012, v. 57, n. 3, p. 86-98, Porto Alegre, RS.
- MONTENEGRO**, Maria Aparecida de Paiva. *Peri Physeos Psyche: Sobre a natureza da alma no Fedro de Platão*. Kriterion, dez/ 2010, nº122, p. 441-457, Belo Horizonte, MG.
- SANTOS**, Maria Carolina Alves dos. *Morte e filosofia: Sobre o desejo de imortalidade entre os gregos*. Trans/Form/Ação. 1996, v. 19, p. 185-193, São Paulo, SP.
- SPINELLI**, Miguel. *Platão e alguns mitos que lhe atribuímos*. Trans/Form/Ação [online]. 2007, v. 30, n. 1, p. 191-204.

**Encontro Anual de Iniciação Científica
da Unespar**

SOUZA NETTO, Francisco Benjamim. *Platão e o pensamento grego*. Trans/Form/Ação. 1982. 5: p. 35-42, São Paulo, SP.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.